

BOLETIM

DOBRADICA

DIRETORIA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO

5

ANO 0 NÚMERO 001
JUNHO 2020



*Escola Brasileira
de Psicanálise*

BOLETIM

DOBRADICA

DIRETORIA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO



*Escola Brasileira
de Psicanálise*

[HTTPS://WWW.EBP.ORG.BR/CARTEIS-E-INTERCAMBIOS/BOLETIM-DOBRADICA/](https://www.ebp.org.br/carteis-e-intercambios/boletim-dobradica/)

EBP@EBP.ORG.BR

RUA TEODORO SAMPAIO, 1441 – CONJ. 13 E 44 – PINHEIROS

CEP 05405-150 – SÃO PAULO – SP

TEL.: +55 (11) 3676-0297

EXPEDIENTE

DIRETORIA EBP 2019-2021

DIRETOR GERAL • SÉRGIO DE CASTRO

DIRETORA SECRETÁRIA-TESOUREIRA • MARIA RACHEL BOTREL LIMA

DIRETORIA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO - NOHEMÍ IBÁÑEZ BROWN

DIRETORA DE BIBLIOTECAS • PATRICIA BADARI

COMISSÃO NACIONAL DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO

CATÁLOGO ONLINE DE CARTÉIS - ANA TEREZA GROISMAN

INTERCÂMBIOS - CLEYTON ANDRADE

COLABORADORES DO BOLETIM

PAOLA SALINAS, GUSTAVO RAMOS, ELENA LERNER

EQUIPE DE GESTÃO DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO 2019-2021

EBP-BA – SÔNIA VICENTE

EBP-LOf – ARY SANTOS DE FARIAS

EBP-MG – MARIA WILMA FARIAS

EBP-PE – ROSANE DA FONTE

EBP-RJ – ANA TEREZA GROISMAN

EBP-SC – CLEUDES SLOGO

EBP-SP – MARILSA BASSO

SUMÁRIO

CARTÉIS

O CARTEL ENLAÇA	
SOBRE CARTEL E REDES MARCELO VERAS (EBP/AMP)	8
MINHA EXPERIÊNCIA COM CARTEL À DISTÂNCIA STELLA JIMENEZ (EBP/AMP)	11
ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O 'CARTEL ENTRE DISTÂNCIAS' ANTÔNIO BENETTI (EBP/AMP)	12

INTERCÂMBIO

AS MUSAS	16
NA LÍNGUA DO OUTRO	
A BOA POLÍTICA DOS LAÇOS SOCIAIS ENTREVISTA COM RENATO JANINE RIBEIRO, POR CLEYTON ANDRADE	17

EDITORIAL

ANA TEREZA GROISMAN - EBP/AMP

O Boletim Dobradiça inicia um novo ciclo e se insere na série de boletins que tomaram como orientação este significante: Dobradiça. A atual Diretoria de Cartéis e Intercâmbios da EBP, através desta publicação, visa fortalecer o laço e a reflexão entre nós com relação aos cartéis e aos intercâmbios, em sua articulação com a Escola e para além dela com o mundo que nos rodeia.

O ano de 2020 com seu cenário de pandemia trouxe enormes desafios para a sociedade. No âmbito da comunidade de analistas que compõe a nossa escola, a prática clínica, a troca teórica e a manutenção dos laços não ficam ilesos. Esse boletim foi elaborado com a intenção de contribuir para que possamos atravessar cuidadosamente esse período, mantendo um vivaz interesse pelo que surge de novo ao longo do caminho.

Dobradiça, significante que nomeia o boletim de Cartéis e intercâmbios sinaliza sua função mecânica de sustentar o que divisa passagens e denota uma forma de conexão entre os espaços. Nosso boletim percorre um caminho moebiano, um íntimo que se desdobra em público, recolhendo os efeitos de extimidade que possam advir.

O Cartel enlaça é a sessão que abre nosso boletim. A cada número, convidaremos três colegas a escreverem sobre o funcionamento do Cartel nos dias de hoje: como este se aproxima e no que se desvirtua do plano Lacan? Nesse número conversamos com colegas membros da Escola sobre o Cartel à distância: o que muda no cartel sem o encontro presencial? Stella Jimenez, Marcelo Veras e Antônio Benetti, partiram dessa questão e trouxeram pontuações fundamentais a partir da experiência como Mais-Um em cartéis que seguem funcionando mesmo durante o confinamento. Cada um, a seu modo, contribuiu para que sigamos no esforço de elaboração sobre o dispositivo de Cartel, tal como funciona ou fracassa hoje.

Em seguida, na seção Musas, Cleyton Andrade destaca uma imagem que recebera por WhatsApp e que parecia antecipar o que estava por vir. Antes da chegada do novo coronavírus Covid-19 no Brasil, circulava pelas redes a foto do “homem bolha”, uma cena longínqua e quase onírica em que ele se protegia de um perigo invisível. Seria esse nosso destino?

Prosseguindo na via de intercâmbios, chegamos Na língua do Outro, onde temos a oportunidade de acompanhar a entrevista com o professor Renato Janine Ribeiro, uma conversa instigante sobre democracia e ética que, como nos provoca nosso entrevistado, abordará pontos cruciais que vão além da discussão habitual da psicanálise, mas dos quais a psicanálise não deve fugir. A entrevista aborda questões que se complexificam em nossos dias e nos

demandam um posicionamento ético frente à desigualdade social que assola nosso país e que se escancara ainda mais no contexto da pandemia. Janine Ribeiro aborda também a tensão permanente entre democracia e república: enquanto a primeira se articula ao desejo, nas palavras do entrevistado, “o próprio da democracia é o desejo”, a outra se sustenta na contensão e na renúncia. Ribeiro segue na sua instigante análise de nossa época e chega na questão da “presença à distância”, propiciada pelo advento da internet com seus efeitos democráticos sobre o acesso e produção de conhecimento e os desafios éticos inerentes à comunicação em rede.

Desejamos a todos uma boa leitura!

CARTÉIS

O CARTEL ENLAÇA

SOBRE CARTEL E REDES

MARCELO VERAS (EBP/AMP)

QUATRO MAIS UM, O QUE SE ESCREVE NAS REDES

Uma das mais conhecidas teóricas sobre os efeitos da AIDS na cultura, Paula Treichler, foi pioneira na distinção entre pandemia real e simbólica (1). Vivemos no momento algo semelhante, o vírus faz furo no corpo imaginário, como algo inassimilável no espelho, e faz furo no simbólico, como algo que afeta nossos ritos e códigos de vida. O novo código social, para a parte do mundo que escolhe a cultura e não a barbárie, impõe a separação dos corpos por um certo período, deixando a sombra de que futuras separações, em caso de recrudescimento de notificações possa ocorrer. Isolamento de corpos não implica em isolamento social, pois a marca do humano é a linguagem, e as redes sociais nunca serviram tanto para favorecer os encontros.

A comunicação virtual, fora alguns efeitos que derivam da etologia, nos separa da natureza, já que os animais isolados se dissociam sem possibilidade de comunicação, eles não formam bando, tal como uma ovelha desgarrada do rebanho. Já o homem, ele descobre de modo cada vez mais acelerado a vertigem das possibilidades do encontro virtual. Assim como havia um sem limites de reiteração narcísica das imagens por selfies, vivemos o sem limites da presença do outro. Os grupos de WhatsApp, as chamadas e seminários por Zoom, Skype ou Messenger, encurtou o espaço de comunicação, tempo necessário para compreender, e nos lançou todos em um presente de eterna vigília. Quais os efeitos sobre a temporalidade subjetiva, em que “Toda assimilação ‘humana’... se põe como assimiladora de uma barbárie”? (2)

Pouco sabemos do que vai emergir após o confinamento, mas temos a certeza de que os encontros virtuais, antes vistos com desconfiança, encontraram um lugar definitivo na civilização.

O CARTEL NÃO É UMA REDE

O momento atual exige que se coloque a questão, como fazer o cartel acontecer nas redes sem se confundir com elas? Como instituir o vazio estruturante da produção do cartel quando tudo leva à volúpia das comunicações virtuais, do “todos unidos” em uma tarefa de saber? Os efeitos sobre o trabalho surgiram rapidamente após os primeiros dias da quarente-

na. O mestre da época exige que tornemos rentáveis esse momento de parada, a civilização do objeto não pode deixar o vazio que lhe corresponde sem que um pleno de gozo seja cobrado. Rapidamente todos se colocaram a trabalhar, ainda mais, mais cursos, mais grupos, mais atividades do que antes. Cito um comentário de Diana Wolodarsky: “a produção é impossível de frear na medida em que se mistura o frenesi da produção com o elan pulsional. Para dizer de modo metafórico, o usuário e o dejetivo, tal como Aquiles e a tartaruga, não correm nunca juntos. Então, essa corrida que hipnotiza deixa o espectador no lugar de objeto (3). Não se trata, portanto, de explorar as potencialidades do virtual, do empuxo a comunicar, mas do cartel justamente como o que faz obstáculo ao todos juntos. Em tempos de cartel virtual, o mais importante é reintroduzir a solidão, não fazendo do cartel uma sociedade de ajuda mútua.

CRISE E PRECARIIDADE

Minha experiência com cartéis virtuais, como para a maioria, começou na lua de mel das potencialidades da internet. No início, nada era mais instigante do que a possibilidade de se associar a colegas de outras cidades, outros países, sobretudo para locais em que a comunidade analítica era pequena, e as trocas com outras Seções, Delegações e mesmo Escolas permitia que o Uno da Orientação Lacaniana se consolidasse com menos possibilidades de desvios. Sim, a palavra “desvio” me parece oportuna, o cartel pode ser visto como uma via de saber em direção ao Uno da Escola. Sabemos da importância dos cartéis à distância para a consolidação das recém chegadas Seções Sul, Nordeste e Centro-Oeste, sabemos também como foram importantes para a consolidação da NEL e da NLS, Escolas da AMP onde o múltiplo é a característica.

Contudo, é necessário distinguir as crises dos cartéis, que são quase indissociáveis de suas próprias instituições, da precariedade que os excessos de comunicação pode provocar. Cito três experiências em que fui Mais-um e que me ensinaram algo.

Um cartel constituído por membros em que quatro deles estavam em cidades diferentes nos Estados Unidos e eu em Salvador, o cartel se reunia com regularidade mensal, e poucas trocas de textos eram feitas, onde um e outro traziam eventualmente suas produções e mesmo textos, relativos ao cartel, que eram apresentados em jornadas da AMP. Esse cartel durou relativamente bem por um ano e meio. Havia uma particularidade curiosa, fora uma colega de Nova York com quem tinha conversado algumas vezes, nunca tínhamos nos visto pessoalmente. Tive uma grata surpresa quando fui dar um Seminário em Nova York, apesar de morarem em pontos muito distantes dos Estados Unidos, nos encontramos pessoalmente pela primeira vez. Ali, celebrávamos uma transferência de trabalho e também marcou o término do cartel. Algo se escreveu.

Uma outra experiência não deu certo. Ela serviu para me mostrar os riscos dos excessos de comunicação. Fui convidado para ser Mais-um por quatro pessoas de uma cidade distante. A escolha de meu nome foi feita pela transferência a textos e alguns seminários que tinha dado na cidade. Todos muito atentos e com muita expectativa sobre minha participação. Contudo, o cartel passou a ter a estrutura de um grupo de Whatsapp, ou seja, ao invés do encontro marcado, fui incluído também neste grupo. Assim como acontece em inúmeros outros

grupos que acabo sendo incluído, o excesso de informações trocadas torna absolutamente impossível, se você não é adicto, acompanhar o que se passa. O que deveria servir para comunicar serve para afastar. E foi assim com esse cartel, em um momento fui surpreendido vendo meu nome sendo excluído do grupo e, pouco depois, um dos membros me comunica a decisão coletiva de encerrar o cartel. Provavelmente os desapontei pelo meu pouco engajamento, mas são conjecturas, pois a estrutura de término desse cartel não foi a estrutura de um ato, como deve ser, e sim de um acting out em pude apenas testemunhar, mas não antecipar, já que a comunicação veio aprè coup.

Uma terceira experiência está acontecendo, dessa vez com colegas, todos da EBP, todos pessoas amigas. Ainda tento me situar, resistindo às trocas no grupo de WhatsApp para preservar o inédito do encontro em reunião. Como falei no exemplo dois, o risco do excesso de informações é precisamente que nada seja informado. Tal como a carta roubada, o que realmente importa fica apagado sob nossos olhos. Passamos o dia de grupo em grupo, em um chat ininterrupto, sem espaço para o furo, para o tempo lento das elaborações. Essa é a precariedade do virtual, impor a falta da falta, angustiar pelo excesso. Como reflexão penso que o Mais-um virtual pode ser aquele que introduza o tempo lento da elaboração diante do que pode ser a angústia do insistente presente das redes.

(1) How to have theory: Cultural chronicle of AIDS, Duke University Press, 1999

(2) Le Temps logique et l'assertion de certitude anticipée, Lacan, J., Écrits, Editions du Seuil, Paris 1966, p.213

(3) Machine à ségreuer, Wolodarsky D., in Internet avec Lacan, La Cause du désir, n.97, p.70

MINHA EXPERIÊNCIA COM CARTEL À DISTÂNCIA

STELLA JIMENEZ (EBP/AMP)

Em primeiro lugar, devo dizer que é muito pouca, porque só agora estou começando a trabalhar nessa modalidade.

A minha primeira impressão é de que o cartel é o dispositivo que menos sofre nesta forma de trabalho. Mas essa pode ser uma conclusão muito apressada.

Existe, sim, uma certa perda de espontaneidade. Num cartel, apesar de ser o dispositivo de base da escola, se produz geralmente uma afetuosa camaradagem, favorecida pelo fato de ser um pequeno grupo. Pela web é necessário pensar antes de falar, ativar o microfone, etc.

Ao falar em presença sempre se percebe os gestos, movimentos, aceitação ou surpresa do que está sendo dito. No cartel à distância os rostos visíveis ficam como fixados numa expressão neutra, o que produz certo e fugaz estranhamento. Infamiliar que dura décimos de segundos, desde a volátil sensação de que um quadro se mexe, ou que uma tela nos fala, até a tranquilidade de saber que é uma outra pessoa nos falando. Num encontro de seminários ou de núcleos, essa sensação se perde entre os muitos rostinhos esparramados no painel. Com um analisando essa sensação não existe porque sempre se sabe que é um sujeito quem está nos falando.

Em relação à transferência de trabalho, não percebi modificações. Os cartelisantes entusiasmados continuam com o mesmo entusiasmo. Os não completamente engajados perderam a possibilidade de acusar o tempo e a distância pelo não comparecimento.

Até o momento não consigo circunscrever alguma outra particularidade.

Falta tempo e experiência para poder falar mais.

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O 'CARTEL ENTRE DISTÂNCIAS'

ANTÔNIO BENETTI (EBP/AMP)

Partirei do princípio fundamental da psicanálise de Orientação lacaniana formulado por Lacan a partir de 1970: "A Relação sexual não existe!". E de sua outra formulação em "L'insu...", lição de 11/01/77: "...diante do real, só existem duas posições possíveis: debilidade mental ou delírio." Ele se inclui na debilidade mental, ou seja, "saber fazer aí, o possível, com os recursos que se tem...".

Então, nada de "regras". Que pudessem, enquanto semblantes, eliminar o Real dos cartéis, do trabalho em cartel, o "rattage"... uma derrapagem para fora dos scripts traçados...o trabalho em cartel nos escapa...sempre...

No caso, a questão é o trabalho em cartel na Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano-AMP, num país de extensão geográfica imensa com Seções da EBP em vários lugares do território...

A invenção do trabalho com a psicanálise e de sua transmissão via pequenos grupos, os cartéis: "juntem-se, façam 'cola', ao redor de um tema, por dois anos e dissolvam-se apresentando o produto próprio de cada um realizado no trabalho no grupo. No mínimo quatro, ao redor de um outro, 'mais um', com a função de zelar e provocar a elaboração de cada um a partir do tema escolhido pelos componentes do grupo." Isso aconteceu em 1964 e foi depois formalizado por Lacan em 1967, na época de seu seminário sobre o "Averso da psicanálise"(os quatro discursos), pouco antes do maio de 68...

A Escola Brasileira de Psicanálise cresceu muito, não só em número de membros, mas também em número de Seções e Seções em formação.

Aí surge mais do que nunca a importância do trabalho cotidiano de transmissão da psicanálise através do pequeno grupo: o cartel.

E o que nos foi demandado a partir do trabalho em cartel, via encontros virtuais: o que muda em relação à transferência de trabalho? A função do Mais-um sofre alguma mutação? As Seções fechadas e a Escola, funcionando de forma remota, se sustentam como lugares de endereçamento das produções singulares de seus cartelizantes?

Nunca tive a experiência de um trabalho em cartel online...

A única experiência de cartel a distância foi presencial: quatro colegas da Seção Minas-EBP se constituíram em cartel, tendo como mais um Carlo Viganó, então residente em Milão.

Nós nos reunimos presencialmente duas vezes, em Belo Horizonte, em reuniões longas que ocupavam a manhã toda e a tarde, com intervalo para almoço, e em Barcelona, 1998, por ocasião do Congresso da AMP.

Trabalhávamos em torno da questão das forclusões localizada e generalizada e em Barcelona rumo ao trabalho com o “Nó de Borrromeu”, ocasião em que C. Viganó e Ricardo Carrabino apresentaram trabalho sobre o tema, aplicado à clínica psicanalítica...

Não foi nada fácil, mas foi o possível e efeitos de transmissão da psicanálise ocorreram inegavelmente, tendo marcado o percurso de cada um dos membros do cartel. Barcelona 98 foi ocasião da cisão na AMP e um dos membros do cartel se desligou da Associação, junto a seu analista.

Atualmente me encontro na posição e função de Mais-um de um cartel inscrito na Seção Minas-EBP, ao redor da leitura e discussão do seminário “La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica”, de J.A. Miller.

Qual a questão que nos fagocitou e causou cada um nesse trabalho, onde nos reunimos quinzenalmente com todos presentes? O capítulo III, “Perturbar la defensa”.

Onde podemos ler, na p. 35: “la tarea del analista, el efecto de su acto, podía ser calificado de *perturbar la defensa*.” E, na p. 36: “Perturbar la defensa es entonces la manera con la que defini la última vez el corazón, la matriz misma de la operación analítica”.

Avançamos na leitura passo a passo e tivemos discussões elucidativas e elaborativas dos conceitos que surgem, como o de defesa, transferência negativa, resistência, etc, não sem citações de fragmentos clínicos ilustrativos do que se trabalha. Uma colega fez um grupo de whatsapp de apoio, onde são colocadas transcrições de gravações de algumas reuniões, citações de referências bibliográficas, etc, pondo os membros do cartel em trabalho.

Mas, sem abrir mão do **vivo** das reuniões presenciais...

Aí fomos surpreendidos pelo COVID-19.

Reuniões interrompidas. O grupo de whatsapp do cartel transformou-se, no momento, em grupo social, com envio de zaps, etc. Ou seja, o efeito de grupo no cartel foi deslocado para o grupo de whatsapp...

O que me parece importante permitir, enquanto Mais-um...

Mantém-se um certo *affectio societatis* neste momento de risco e angústia para todos...

O cartel continua, mas não num trabalho em cartel...

Às vezes trocam-se algumas informações referidas a livros e textos...

O Cartel produz efeitos de grupo e de Discursos. Às vezes em um Discurso, outras em outros, inclusive com efeitos analíticos raras vezes, e o Mais-um deve zelar para que o trabalho de transmissão, a que se propõe um cartel, continue.

Perturbar a defesa não seria função do Mais-um hoje, quando o efeito de grupo se faz presente?

Exemplo: um colega manifestou sua dificuldade em escrever e conseqüentemente produzir seu produto próprio...

O Mais-um intervém: “fica tranquilo...Vai escrevendo frases que você achou importantes, perguntas, depois pode trazer para a reunião do cartel oportunamente e vamos tentando colaborar com a produção do **seu** texto...” Ficou menos angustiado e deu OK.

A questão do online na transmissão da psicanálise me remete a duas intervenções de J.A. Miller em 1998 e 2008.

Seria possível considerá-las no trabalho em cartel à distância?

. 1998:

ENTREVISTA A JACQUES-ALAIN MILLER: “Y cuanto más se vuelva común la presencia virtual, más preciosa será la presencia real”.

https://nelguayaquil.org/2020/04/13/entrevista-a-jacques-alain-miller-y-cuanto-mas-se-vuelva-comun-la-presencia-virtual-mas-preciosa-sera-la-presenciareal/?fbclid=IwAR3uRIRigGrMC6sk5Oj_TjOX1WPPGV6KclBPkGd9w8xWNe-d8B5-tRWa93c

Traducción de Jaime Castro. No revisada por los participantes de la entrevista. Traducción del francés publicado en:

https://www.liberation.fr/amphtml/cahier-special/1999/07/03/le-divan-xx1-e-siecle-demain-la-mondialisation-des-divans-vers-le-corps-portable-par-jacques-alain-m_278498?__twitter_impression=true

. 2008- Seminário de J. A. Miller:

“Cuando pensamos que son todos sujetos del significante, resulta simples, se hacen análisis por telefono. ¡Se ríen! Es que ustedes son buenos parisinos, buenos francesitos. El análisis por teléfono se practica..., en nombre de Lacan. De sujeto del significante a sujeto del significante. He recuperado a algunos de los que fueron pasados por esa trituradora, y puedo decirles que ¡no cuenta para nada!, ¡no existe! Es una broma...mala. ¡Qué lástima! ¡Imaginen el campo que se nos abriría por internet!” **(Sutilezas analíticas: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller, p. 250, Editora Paidós)**

INTERCÂMBIO

AS MUSAS

As musas eram as filhas de Zeus com a deusa Memória e inspiravam aqueles que as encontravam, com os cantos que serviam de objeto causa para o discurso.

NA LÍNGUA DO OUTRO

A BOA POLÍTICA DOS LAÇOS SOCIAIS

ENTREVISTA COM RENATO JANINE RIBEIRO, POR CLEYTON ANDRADE

É com muito prazer que contamos com a presença do Professor Doutor Renato Janine Ribeiro para esse primeiro número do BOLETIM DOBRADIÇA da Diretoria de Cartéis e Intercâmbios. Nosso convidado dispensa apresentações, embora nunca seja demais lembrar que é professor titular de ética e filosofia política na USP, foi ministro da Educação e é um nome obrigatório para os debates sobre ética e política. É autor de diversos livros, dentre eles *A sociedade contra o social* (2000), vencedor do Prêmio Jabuti, *A Boa Política – ensaios sobre a democracia na era da internet*, lançado em 2017, e de *A Pátria Educadora em Colapso* (2018), no qual relata sua experiência como Ministro às vésperas do impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

Trabalhamos com uma noção de *Intercâmbio* como um diálogo com outros campos do conhecimento, na aposta de criar espaços de uma ecologia de saberes litorais com o saber psicanalítico. O contexto da atual pandemia do novo Coronavírus pauta nossa realidade com alguns significantes mestres, dos quais não se pode ou não se deve escapar. Nesse sentido, o que nos reúne para essa conversa sobre ética e política é o laço social e seus impasses. Nesse sentido, seja bem-vindo, Professor Renato Janine Ribeiro.

Eu gostaria de começar com a seguinte questão: Freud, em *O mal-estar na cultura*, apontou o que seriam as três causas para o sofrimento: o mundo externo com suas vicissitudes; o próprio corpo; e os laços sociais. Sendo que este último é a maior fonte de sofrimento. Acontecimentos decorrentes da atual pandemia da COVID-19 incidem sobre essas três fontes: vem da natureza, do mundo externo; contamina e adocece o corpo; e ainda produz efeitos na dinâmica dos laços sociais. Uma situação como esta, de convergência e sobredeterminação de elementos, constitui uma condição de possibilidade particularmente propícia para uma questão ética? Ou, justamente pelos mesmos fatores, pode reunir condições para uma suspensão ética dos laços sociais?

Renato Janine Ribeiro: uma situação desse tipo, do Coronavírus, é uma situação que coloca tudo em jogo, tudo em risco. Não temos uma crise desse porte desde a Segunda Guerra

Mundial, como bem notou Angela Merkel. Num certo sentido, agora é até pior, porque afeta o mundo todo. A Segunda Guerra Mundial não afetou várias regiões do mundo ou as afetou pouco. O Brasil, embora fizesse blecaute nas cidades litorâneas, como no Rio de Janeiro, não teve ataques dos nazistas ou de outras tropas ao seu território continental. Por isso, é muito assustador que esteja afetando o mundo inteiro – talvez com exceção da pequena ilha de Tristão da Cunha, com trezentos habitantes, no meio do oceano Atlântico, e de alguns arquipélagos da Oceania.

Se comparamos com outras pandemias – e muitos comparam com a peste negra –, que às vezes assolaram o mundo, vemos que várias delas ultrapassaram fronteiras. Houve pestes que, do Oriente, chegaram até o Império Romano – período em que não havia contatos rotineiros entre um e outro. Mas creio que nunca algo foi tão longe assim, porque mesmo essas pestes pré-1500 não chegavam ao Continente Americano, afetavam relativamente pouco a África Negra e outras partes do mundo – da Oceania, nem se fala. Desta vez estamos com algo muito amplo: isso torna muito difícil a questão do que vai ser o mundo, o que inclui também a questão ética.

O que vai ser o mundo? Vemos, por um lado, a inutilidade da riqueza. É muito óbvio numa situação dessas, em que as pessoas podem ser afetadas e morrerem sendo ricas ou pobres. Podem até ter sido as ricas que trouxeram o vírus, voltando de viagens internacionais. Se estivéssemos isolados, talvez não tivéssemos o vírus, talvez a Venezuela tenha menos o vírus porque as pessoas não viajam para lá. Por outro lado, a desigualdade social se torna clamorosa quando temos populações que podem se confinar bem, que podem viver sem sair de casa para trabalhar, que não dependem tanto da circulação e não vão morrer de fome por conta disso, ou mesmo porque têm espaço suficiente para se isolarem. Paulo Saldiva, um grande médico, disse que na primeira morte de Coronavírus que foi verificar, viu em poucos metros quadrados três famílias morando juntas. Muita gente por metro quadrado, espantoso, chocante. A questão ética é o que isso nos traz? Vai exigir que caminhemos para uma sociedade mais justa? Essa seria uma possibilidade. Pensar que certos excessos de consumo são inadequados, pensar num compromisso de todos com todos, pensar que devemos acudir quem tem menos dinheiro. Talvez. Isso sem chegar a nada de marxista.

Marx propunha a abolição da propriedade privada, dos meios de produção. Hoje ninguém sabe o que isso quer dizer, na prática. Mas reduzir a desigualdade gritante dos salários e das propriedades seria absolutamente necessário, hoje. É uma medida ética fundamental, que pode ser efetivada de muitas maneiras: pode ser uma renda básica garantida a todos; pode ser uma tributação maior dos mais ricos; pode ser a garantia a toda e qualquer pessoa de certos elementos básicos. Agora está em jogo a sobrevivência, mas deveríamos incluir a boa educação, a saúde pública universal, o acesso à cultura, a um transporte urbano menos desigual. Deveríamos discutir o caráter ético de uma sociedade em que residentes dos bairros ricos recebem empregadas domésticas que demoram duas horas para chegar lá e vão demorar duas horas para voltar a casa. Se o mundo voltar a progredir, daqui a cinquenta ou cem anos essa será uma mancha quase tão odiosa quanto a escravidão no passado. Temos de enfrentar essas questões éticas.

O ponto crucial aqui, e que não me parece particularmente do interesse ou da atenção de Freud, é que essas questões éticas são intensamente políticas. Estão intensamente ligadas à desigualdade social. Estão ligadas ao fato de que há pessoas muito ricas e que podem se sair bem melhor na vida do que os muito pobres. E que estes últimos não só não têm chance de valorizar os talentos que têm, porque não têm oportunidades, como também, numa situação dessas, correm o risco maior de serem mortos. Esse é o grande ponto que vai além da discussão habitual da psicanálise, mas do qual a psicanálise não deveria fugir. A psicanálise deveria enfrentar realmente a questão da miséria, a questão da desigualdade. A ética, neste sentido, não é geralmente a questão que aparece no primeiro plano da psicanálise – até porque os avanços da psicanálise, graças a Freud, se deram justamente porque ele decidiu procurar ver o que as pessoas de fato viviam, e não como deveriam viver. Freud foi um cientista porque suspendeu o juízo ético, embora o que a época dele entendesse como ética seja muito diferente do que hoje chamamos de ética. A época de Freud entendia por ética o que é para nós um moralismo podre. Enquanto o que chamamos hoje de ética – como, por exemplo, a preocupação com a igualdade e a oportunidade etc. – naquela época seria extremamente subversivo. Seja como for, essa é uma questão que deve ser colocada. Deve ser mais colocada na psicanálise e na psicologia em geral.

Cleyton Andrade: É inevitável ser capturado pelo título de um dos ensaios do livro *A Boa Política*, pelo jogo de palavras que faz com a inveja do pênis: “A inveja do tênis”. O senhor poderia nos falar um pouco sobre uma relação que há entre esse ensaio e uma outra ideia que me parece fundamental no seu livro, a de um conflito inevitável entre república e democracia tendo o desejo como ponto central.

Renato Janine Ribeiro: o ponto de partida deste ensaio – que até pensei que poderia dar nome ao próprio livro – é a ideia de que muitas vezes o que os mais pobres querem, sobretudo os adolescentes, não é o necessário, não é o que é moral, é o que apela ao desejo. Pensemos em casa, trabalho, educação, saúde, transporte, segurança, que são valores positivos, sociais, de que a sociedade necessita – e que, por uma curiosa coincidência, estiveram vários deles nos cinco dedos da mão de Fernando Henrique Cardoso quando concorreu com sucesso à presidência da república em 1994. Pois bem: esses valores positivos, éticos e morais, não são os que apelam ao desejo dos jovens. Os jovens querem prazer. Os jovens desejam. Daí, o tênis.

Este ensaio tentava entender um fenômeno assustador nos anos 1980 e 1990, que era um menino pobre matar ou agredir um rico para pegar um tênis de marca. Isso levava a uma série de indignações, com pessoas criticando a futilidade. Bem, o fútil não estava no pobre, estava no rico. O fútil estava no fato de que a sociedade colocava isso como um objeto de desejo importante, intenso. A ideia é: como se dá esse desejo? Peguemos algo que aconteceu, se não me engano, no começo de 2014, não tenho certeza exata da data: os rolezinhos, em que adolescentes pobres, negros, de periferia, foram em grandes grupos aos shoppings. É claro que eles têm todo o direito disso! Mas isso criou um pavor, embora não tenha havido ocorrências de assalto. O fato de dezenas, talvez centenas, de jovens negros pobres entrarem num shopping causou desespero nos donos da loja, susto na segurança e evidenciou, ao mesmo tempo, que o desejo desses garotos pobres era de terem as mesmas coisas que os garotos ricos. Por que que os outros têm e nós não? Um certo elemento do conflito social está presen-

te aí. A ideia de que você tem um desejo vai se tornando um fator cada vez mais importante na sociedade contemporânea, um desejo que é vendido constantemente pela propaganda televisiva e agora, com a internet e tudo mais, esse desejo não pode ser realizado por todos.

Agora, curiosamente, se a privação de algo necessário e útil pode ser melhor aceita pelos pobres, pelos que estão privados disso, é porque eles até podem entender que a pessoa que tem a casa, o emprego bom, chegou lá graças ao seu trabalho. Mas o fato de você ter acesso a algo que é puro prazer, que é puro desejo, não tem justificativa moral. Por que que um menino vai ter um tênis de grife e outro vai ter um tênis ruim? Não existe nenhuma justificativa moral para a diferença de acesso de um e de outro. Então, aí temos o desejo em estado puro e a guerra de desejo contra desejo também em estado puro.

Aqui vejo o que chamei de oposição entre democracia e república. O próprio da democracia é o desejo. Ao dizer que a democracia tem a ver com o desejo, entendo que ela vem de baixo para cima. Na democracia, criação grega, as pessoas querem realizar o que apela à sua satisfação, seu prazer. Já a república, invenção romana, é um regime de contenção, de renúncia, de abnegação. Então, supostamente, os governantes, e mesmo os cidadãos romanos, sacrificam os bens e a própria vida pela pátria. A desigualdade na república romana se sustenta na ideia de que os ricos ou nobres em algum momento entregam a vida pela pátria – o que não se pediria necessariamente aos pobres. Isso é mais ficção do que realidade, vejam bem, mas é a maneira como a república se constitui.

Agora, no caso dos gregos, quando vemos em vários pensadores do século V a.C. uma aversão à democracia que vigorava em Atenas, essa aversão é justificada porque os pobres querem tirar os bens dos ricos. Querem ter uma vida tão confortável quanto a dos ricos. E é esse o ponto que me parece crucial na democracia: a busca do conforto, a busca da igualdade, a busca de algo parecido com o que têm os ricos. Isso é algo que uma sociedade capitalista, como a atual, ao mesmo tempo suscita e reprime: suscita porque gera em todos esse desejo intenso de uma coisa muito boa, mas, ao mesmo tempo, não quer que todos tenham acesso. Quer uma desigualdade. Quer que só tenha acesso a isso quem conseguiu dinheiro suficiente para ter uma bolsa de vinte mil reais, um tênis caro, uma roupa valiosa... Esse é um fator de intenso conflito social e é para isso que quis chamar a atenção neste ensaio.

Cleyton Andrade: Para finalizar, eu gostaria de explorar mais um aspecto que o senhor trata no seu livro *A boa política: ensaios sobre a democracia na era da internet*. O senhor aponta que a internet oferece uma terceira solução a alguns impasses para a democracia moderna, que é a possibilidade da presença à distância. Entretanto, ela, ainda assim, não é uma *Ágora*. Poderia nos dizer um pouco mais sobre esse descompasso entre a viabilidade de uma “presença à distância” e ainda assim não ser uma *Ágora*?

Renato Janine Ribeiro: Quando a internet atingiu seu grande impacto na década de 2000, quando começou a crescer, bem antes de termos as redes sociais – quando você podia fazer uma página e facultar que outras pessoas comentassem – quando tudo isso aconteceu, acreditei que tínhamos diante de nós uma mudança decisiva que, tanto eu quanto muitos outros, chamamos pelo nome de *ágora*: a praça, na democracia ateniense, em que se reuniam os cidadãos para tomarem uma decisão coletiva, na presença uns dos outros. Ou seja, parecia que a internet permitiria superar uma dicotomia que aconteceu na democracia. A democracia

antiga era intensa, mas se abria a poucos, apenas a quem podia comparecer à praça e estar em conjunto. O que, no máximo, seriam alguns milhares de pessoas morando num espaço restrito a alguns quilômetros quadrados. Muito mais do que isso, não era possível. Havia uma limitação geográfica e demográfica da democracia antiga.

A democracia moderna, que é muito mais abrangente, pega sociedades bem mais amplas. Mas é impossível a presença simultânea de todos a todos, porque mesmo num país menor, como a França, seria impossível todos, dezenas de milhões, reunirem-se numa única praça em Paris. Ainda mais as pessoas dialogarem entre si.

A internet permitiu essa presença à distância, se posso falar assim. Podemos estar presentes uns aos outros, mesmo estando longe. Podemos também, outro ponto importante, ter acesso à palavra publicada, com muito mais liberdade. Podemos publicar nossas palavras sem precisar de um capital enorme, que seria o do dono de um jornal, de uma TV. Fica bem mais democrático o acesso à internet enquanto veículo de comunicação e podemos ouvir ou nos informar com mais facilidade e menos custo. O que, por sinal, reduz o consumo de jornais e permite o consumo de outras formas de comunicação, algumas muito boas, outras péssimas.

Isso trouxe uma possibilidade de discussão notável, que foi assumida por gente diferente entre si, mas que tinha em comum o entusiasmo. Contudo, o que está acontecendo agora me parece que é pior do que não ser ainda uma *ágora*. É um desvio grande do significado dela: passamos a ter uma sociedade na qual a mentira ficou tão forte, tão intensa, que surge uma quantidade de pessoas cuja prática é a mentira, porque dessa maneira conseguem resultados políticos. Isso aconteceu no Brexit, bem como na eleição de Trump – e, ao que parece, na eleição brasileira também, segundo as reportagens de Patrícia Campos Mello publicadas na *Folha*. E há um nível de mentira que é pura maldade. Há quem mente só para causar mal aos outros, divulgando notícias falsas, fazendo campanha contra as vacinas, levando assim a ressurgirem doenças praticamente eliminadas. Isso já aconteceu no passado, mas adquire hoje uma dimensão gigantesca.

Seria preciso hoje, em relação à internet, um critério ético muito forte. Como faremos esse instrumento admirável de comunicação, de divulgação, de tudo o mais, se tornar mais forte e perder o elemento nocivo, negativo? É fundamental, para isso, pensarmos na formação das pessoas para um espírito mais crítico com relação ao que leem. Há coisas mais ou menos óbvias para uma pessoa culta: uma informação que chega pelo WhatsApp e não tem fonte confiável é falsa! As chances de ser mentirosa é gigantesca. Se você tiver uma informação de saúde sem fonte bibliográfica confiável, ela é falsa! Se falarem “doutor fulano” e não deram sobrenome, o lugar onde ele trabalha, o lugar onde se formou, universidade onde fez a sua pesquisa, essa notícia provavelmente é mentirosa! No entanto, essas notícias se espalham com uma facilidade gigantesca. Quer dizer, soma-se uma vontade de mentir com uma disposição ingênua, gigantesca, a aceitar a mentira. São dois fenômenos diferentes que se deveria estudar e enfrentar, para a internet realmente desenvolver suas potencialidades positivas, para ela ser um veículo de troca de ideias, de enriquecimento do conhecimento e tudo.

O espantoso na internet é ela proporcionar um nível de informação enorme, mas que não se traduz necessariamente em conhecimento – nos remetendo à qualificação, à formação, sinônimos da educação – e consciência, a qual é um valor moral. Esses três elementos –co-

nhecimento, educação, consciência – não são consequências automáticas de você ter uma quantidade gigantesca de informação. Ao contrário, infelizmente parece que essa quantidade gigantesca de informação acaba tendo efeitos mais negativos do que positivos. Mas isso terá que mudar! Penso que a educação formal, nas escolas, a televisão e a própria internet, deveriam se empenhar em promover esse tipo de formação e tomar esse tipo de cuidado.

Cleyton Andrade: Muito obrigado! Eu agradeço em nome da Diretoria e da Comissão de Cartéis e Intercâmbio, esperamos ter novas oportunidades para novas conversas.

Transcrição: Thianne Lourena Cardoso Roque

BOLETIM

DOBRADIÇA

DIRETORIA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO 5